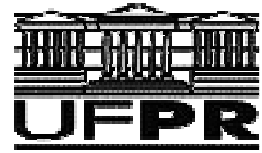




**Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor de Tecnologia
Curso de Arquitetura e Urbanismo**



PAULO BERNARDO BELLÉ DA SILVA

PAVILHÃO CULTURAL ITINERANTE

CURITIBA

2009

PAULO BERNARDO BELLÉ DA SILVA

PAVILHÃO CULTURAL ITINERANTE

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA040) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

ORIENTADOR(A):

Prof(a). Silvana Weihermann Ferraro

CURITIBA

2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador(a):

Examinador(a):

Examinador(a):

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, _____ de _____ de 2009.

Agradeço este trabalho a Professora Silvana Ferraro que me apoiou com a escolha do tema e colaborou com este trabalho. Agradeço também à Secretaria de Relações Exteriores de Rhône-Alpes, Maria Vitória Abage, Karina Toulouis, IPPUC e outros que me ajudaram a desenvolver esta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho visa apresentar estudos feitos sobre pavilhões de cunho cultural em geral e propor o desenvolvimento de um pavilhão itinerante que celebre o Ano da França no Brasil. Para isso um panorama sobre a história das artes e do museu, estudos de correlatos, propostas de terrenos e sugestão de programa construtivo fazem parte do desenvolvimento deste trabalho.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Pintura rupestre localizada em Lascaux, datada do Paleolítico.....	8
FIGURA 2 Catedral de Coutances	9
FIGURA 3: Fontainebleau	10
FIGURA 4: Palácio de Versailles.....	11
FIGURA 5: <i>O bar em Folies Bergere</i> de Edourd Manet, 1882.....	12
FIGURA 6: <i>O beijo em frente ao hotel De Ville</i> de Robert Doisneau, 1950	13
FIGURA 7: Vista externa do pavilhão	17
FIGURA 8: Vista interna do pavilhão	18
FIGURA 9: Vista superior da estrutura com indicação dos espaços de acordo com as aberturas. 1. Pátio de acesso, 2. Guarda volumes, 3. Área de exposições, 4. Praça central	19
FIGURA 10: Perspectiva externa	19
FIGURA 11: Perspectiva da área de entrada e saída ao Art Pavillion.....	20
FIGURA 12: Foto do pavilhão montado no Central Park em Nova Iorque.....	21
FIGURA 13: Foto do pavilhão montado em Hong Kong.....	21
FIGURA 14: Esquema de representação das formas.....	22
FIGURA 15: Representação planificada da estrutura.....	23
FIGURA 16: Planta circular do espaço voltado para desfiles de moda	23
FIGURA 17: Planta hexagonal voltada para o espaço exposição de moda	24
FIGURA 18: Planta retangular voltada para exibição de filmes	24
FIGURA 19: Foto da membrana utilizada como cobertura	25
FIGURA 20: Estrutura	25
FIGURA 21: Foto do pavilhão montado em sua 1ª fase.....	26
FIGURA 22: Parque Barigui.....	31
FIGURA 23: Vista superior do Parque Barigui com a demarcação do terreno proposto	32
FIGURA 24: Aterro do Flamengo	33

FIGURA 25: Vista superior das quadras poliesportivas do Parque do Flamengo, local proposto para a montagem do pavilhão	34
FIGURA 26: Parque Villa Lobos.....	35
FIGURA 27: Vista superior do parque focando a área de montagem, a chamada “Ilha Musical”	36
FIGURA 28: estrutura inflável chamada de Spacebuster criada por Raumlabor em parceria com o Goethe Institut, em Nova Iorque	40
FIGURA 29: estrutura criada por Zaha Hadid para a cidade de Chicago.....	41
FIGURA 30: Pavilhão criado para o Art Fund Pavillion Competition 2009 pelo Cre8 Architecture, em Londres.....	42
FIGURA 31: Loja itinerante da marca Puma feita de containeres. Acompanhou a edição 2008-2009 da Volvo Ocean Race.....	43
FIGURA 32: Spidernethewood, instalação, 2007	45
FIGURA 33: Untitled, 2008	46
FIGURA 34: Foto realizada pelo artistas, 2007.....	46
FIGURA 35: POF nº65, 1998	47
FIGURA 36: Equilibre, 2000	47
Figura 37: Foto realizada pelos artistas.....	48
FIGURA 38: Indirect Consequences of Analyticity (Formula 18), 2001.....	48
FIGURA 39: The Carmine Vault, 2009.....	49

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vi
SUMÁRIO.....	viii
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	2
1.2 OBJETIVOS.....	3
1.2.1 GERAL	3
1.2.2 ESPECÍFICOS	3
1.3 JUSTIFICATIVAS	4
2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA.....	5
2.1 O MUSEU, A HISTÓRIA E A SOCIEDADE	6
2.2 A Arte francesa	8
2.3 O Ano da França no Brasil.....	14
3. ESTUDOS DE CASO	16
3.1 Chanel Mobile Art por Zaha Hadid.....	17
3.2 Prada Transformer por OMA Architects.....	22
3.3 Pavilhão do Brasil para a Expo '70 por Paulo Mendes da Rocha.....	27
4. Interpretação da Realidade.....	30
4.1 Curitiba	31
4.2 Rio de Janeiro.....	33
4.3 São Paulo	35
5. Diretrizes gerais do projeto	37
5.1 Viabilidade	38
5.2 Estrutura	40
5.2.1 Estruturas infláveis	40
5.2.2 Estruturas metálicas.....	41
5.2.3 Estruturas de madeira	41

5.2.4	Containeres.....	42
5.3	Programa de necessidades	44
5.4	Artistas franceses presentes na exposição.....	45
5.4.1	François Roche	45
5.4.2	Tatiana Trouvé	46
5.4.3	Thierry Mugler	46
5.4.4	Fabrice Hyber.....	47
5.4.5	Brigitte Nahon	47
5.4.6	Pierre Et Gilles	48
5.4.7	Bernar Venet	48
5.4.8	Fafi	49
	REFERÊNCIAS.....	50
	ENTREVISTAS	54

1. INTRODUÇÃO

A arte e a arquitetura sempre estiveram lado a lado, sendo a segunda parte da primeira. Ao longo da história podemos perceber a importância da arquitetura como vetor de grandes movimentos artísticos e, é nela que se vêem os primeiros movimentos de uma nova corrente artística, que depois se expressa em outras artes, como a pintura, literatura ou música.

Um museu é tão importante como as obras que abriga, sua relevância dentro do espaço urbano marca e identifica um local e uma cultura. Um museu ou uma galeria pode atingir os mais variados tipos de povos e possui como princípios, de acordo com a Lei Nº 11.904/2009, a valorização da dignidade humana, a promoção da cidadania, o cumprimento da função social, a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental, a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural e o intercâmbio institucional.

A proposta de uma entidade museológica itinerante parte do princípio de aliar a arte com a arquitetura, somando a possibilidade de atingir as mais diferentes populações. Associado com a proposta de estreitar as relações diplomáticas entre duas nações, o projeto visa apresentar e instigar a população com uma diferente visão sobre as artes.

Conceitos e propostas são analisados e descritos ao longo deste trabalho a fim de servir como base teórica para a realização do projeto do Pavilhão Cultural. Estudos sobre as origens dos museus, a evolução da arte francesa e um panorama sobre relações diplomáticas entre França-Brasil fazem parte da conceituação do tema. Após, o estudo de três obras correlatas permitem uma visão sobre esta tipologia não usual aos padrões brasileiros assim como referências para o projeto final. Um estudo sobre as características gerais de um terreno a ser instalado bem como a indicação de três espaços que cumpram com o mínimo requerido para a sua montagem é apresentado na seqüência. Para finalizar, um estudo sobre a viabilidade de um projeto deste nível, diferentes tipos de estruturas adaptáveis ao tema, programa de necessidades mínimas proposto e sugestão de artistas que façam jus à proposta de levar a cultura francesa contemporânea Brasil afora.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Durante o ano de 2009 é celebrado como o “Ano da França no Brasil” e esta celebração tem como objetivo aproximar os dois países envolvendo, principalmente, a esfera cultural. Através de eventos, exposições e outras intervenções, com o uso das grandes mídias, os brasileiros viriam a conhecer mais a cultura da França contemporânea.

A proposta de construção de um pavilhão itinerante que abrigue exposições de artistas franceses objetiva levar a cultura deste país por todo o Brasil, garantindo um ambiente adequado e a mesma experiência para o visitante de qualquer uma das cidades que o pavilhão seja instalado.

A criação de uma estrutura que possa ser montada e desmontada repetidamente, com tecnologia que permita o fácil manuseio e transporte faz parte de um dos objetivos. Esta estrutura abrigará a sala de exposição para as obras de arte, as quais se desenvolvem na temática Vanguarda Francesa. Abrigará, também, área para eventos e espaços comunitários onde possam acontecer palestras e/ou cursos de pequena duração.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 GERAL

O desenvolvimento de pesquisa teórica sobre a temática citada, na busca de adquirir conhecimento necessário e definir as diretrizes para a prática posterior do projeto de um Pavilhão Itinerante Cultural.

1.2.2 ESPECÍFICOS

- Reconhecer o histórico sobre a importância da entidade museológica e sua necessidade no desenvolvimento da civilização;
- Estudar os conceitos que envolvem a evolução e a importância das expressões artísticas originárias da França;
- Analisar obras de funções semelhantes, os espaços e as tecnologias aplicadas;
- Buscar diferentes sistemas construtivos compatíveis com o uso do edifício,
- Consolidar as diretrizes de projeto arquitetônico e urbanístico a respeito do tema;
- A colaboração com a pesquisa para o desenvolvimento de novas tecnologias e materiais voltados à facilidade de montagem e desmontagem de espaços dinâmicos.

1.3 JUSTIFICATIVAS

A construção deste Pavilhão Itinerante irá promover a relação diplomática entre estes dois países por meio da arquitetura e da arte, e sua abrangência dentro do próprio país é maior a partir do momento que poderá ser instalado em várias cidades.

O fato de ser itinerante faz com que este tipo de intervenção modifique o espaço urbano de uma cidade apenas por algum tempo, marcando este período não apenas pela exposição de arte que esteve na cidade, mas como objeto que interagiu e fez parte da paisagem durante sua passagem.

O próprio objeto arquitetônico, também é, em si, uma estrutura de contemplação e o espaço gerado por ele e por suas interações com as obras da mostra também é representativo, já que o mesmo tem como objetivo apenas esta exposição.

A arquitetura de pavilhões como este tem crescimento nos dias atuais, não apenas devido à necessidade de comunicação global, mas também pela evolução dos materiais e técnicas construtivas, que torna possível que o mesmo seja montado e desmontado quantas vezes necessárias. Esta pesquisa, portanto, abrange tanto os aspectos culturais quanto os aspectos técnicos deste tipo de intervenção urbana.

2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

O Dicionário Brasileiro Globo (1995) define pavilhão como uma habitação portátil, tenda, barraca, construção isolada nos centros ou aos lados do corpo principal de um edifício enquanto define para museu lugar onde se reúnem e expõem obras de arte, coleções científicas, objetos raros ou antigos.

Um pavilhão com a função de um museu, baseado nestas definições, é um tipo de arquitetura portátil, de pequeno porte e que possui um local de destaque dentro da paisagem além de servir como local de exposição e contemplação de artefatos artísticos, históricos e culturais.

2.1 O MUSEU, A HISTÓRIA E A SOCIEDADE

A idéia de formar coleções públicas de objetos de arte pode ser considerada o início da idéia do museu. Derivado do termo grego *mouseion*, que denominava na Antiguidade Clássica o templo das nove musas, filhas de Zeus e da deusa da memória Mnemosine, ligadas aos diferentes ramos da arte e da ciência. Os templos não se dedicavam ao armazenamento de coleções e sim aos estudos científicos, literários e artísticos diferenciando-se bastante com a atual noção que possuímos sobre museus.

A atual idéia que temos remete ao conceito de Colecionismo, um tipo de atividade de origem remota que sempre foi associada à apropriação de símbolos e artefatos, muito praticada por reis, imperadores e senhores. “O colecionismo, apesar de seus problemas, foi um movimento necessário para a aparição da instituição museológica” (LEON, apud GRECCO, 2003).

Pouco usado durante a Idade Média, o termo reaparece no século XV quando virou moda na Europa o ato de colecionar. Sob a revolução causada pelos pensamentos Renascentista e Iluminista e a visão de um novo mundo trazida pelas expansões marítimas permitiu-se um enriquecimento cultural devido às obras de arte da antiguidade, tesouros e curiosidades vindas da América e da Ásia assim como a produção de artistas da época, financiados por nobres.

O ato de colecionar e, em conseqüência, as coleções formadas entre os séculos XV e XVIII se transformaram no que é o museu hoje apenas no fim deste último. A uma primeira instância possuíam caráter privado e apenas com a Revolução Francesa foi aberto ao grande público como um local de realizações artísticas, técnicas e científicas. Nesta época o museu possuía uma ambição pedagógica, formando cidadãos a partir de conhecimentos do passado, participando no processo de construção de nacionalidades. Pode-se citar o Museu Britânico, em Londres, de 1753 e o Belvedere, em Viena, de 1783 como primeiras formas dessa instituição voltada ao civismo e à história de um povo. Apenas em 1793 surgiu o primeiro museu com um importante acervo artístico, fugindo ao modelo nacionalista proposto anteriormente: o Museu do Louvre que com o nome de “*Muséum des arts*” tornou-se o primeiro museu nacional europeu. Após a criação deste surgiram outros

tipos de museus como os históricos, de ciências e de técnicas (como o Museu de História Natural, em Paris, de 1794), os de artes decorativas (Victoria and Albert Museum, de Londres, em 1852), os de folclore, etnografia, de Artes e Tradições Populares entre outros modelos. No Brasil, o primeiro museu, datado de 1862, é o Museu do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco. Todos os posteriores surgiram apenas no século XX sendo o de maior importância, devido ao seu acervo, o MASP – Museu de Arte de São Paulo, fundado em 1947.

Atualmente os museus são regidos de acordo com o estatuto provido pelo ICOM – International Council of Museum definindo o museu como uma instituição permanente e não lucrativa, em serviço à sociedade e seu desenvolvimento que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe patrimônios da humanidade, palpáveis ou não, com os propósitos de educação, conhecimento e usufruto.

Dentro desta definição possuímos, no território nacional, aproximadas 2600 instituições museológicas, de acordo com os dados do Sistema Brasileiro de Museus. Deste total, 2410 estão em pleno funcionamento localizados em sua grande maioria (67%) nas regiões sul e sudeste.

2.2 A Arte francesa

A arte francesa consiste nas formas visuais (pinturas, fotografias, desenhos, gravuras) e plásticas (como esculturas, arquitetura, têxteis entre outros) e tem seu estudo analisado desde as formas de expressão criadas na era pré-histórica.

Datado da era Paleolítica Superior (entre 40.000 e 8.000 anos atrás), as primeiras formas de arte rupestres são das culturas Aurignaciana, Châtelperronia, Solutreana, Gravettiana e Magdaleniana. Estas expressões artísticas variam desde pinturas rupestres, como as encontradas em cavernas como a Pech Merle no Vallé Du Lot, na Província de Languedoc (16,000 AC) e na Lascaux, localizada na vila de Montignac em Dordogne (13,000 - 15,000 AC), como também pequenos artefatos como a “Venus de Brassempouy” (21,000 AC) descoberta em Landes. Colares de contas, agulhas de ossos, flechas e lanças também foram objetos pré-históricos localizados dentro da área da França. Durante os períodos seguintes, como do Neolítico até a Idade do Bronze, outras formas de expressão cultural existiram dentro das sociedades existentes no noroeste francês que variaram desde monumentos megalíticos até pedras pintadas.



FIGURA 1: Pintura rupestre localizada em Lascaux, datada do Paleolítico

(FONTE: The Cave of Lascaux, 2009)

Após as realizações da Idade do Bronze, a França volta a ser foco de expressões artísticas apenas no século V quando, com a miscelânea proposta pelas sutis modificações trazida com o passar dos anos somada a elementos culturais de outras nações, resultou em monumentais obras como o anfiteatro de Orange, em Vaucluse e a Masion Carrée em Nîmes. Paralelo à esses eventos, com uma influência da Arte Celta associada ao cristianismo, a Arte Merovíngia levava a grandes mudanças dentro do cenário artístico.

Com a influência de Carlos Magno na Alta Idade Média, e seu gosto pela arte um novo estilo foi criado, a Arte Carolíngia. Esta forma de expressão, caracterizada pelas iluminuras, foi precursora para o surgimento da Arte Românica, renovando o estilo romano em suas técnicas construtivas. A Normandia foi palco para uma grande expansão de formas arquitetônicas românicas com a construção das igrejas de Bernay, Mont-Saint-Michel e a catedral de Coutances.



FIGURA 2 Catedral de Coutances

(FONTE: Flickr, 2007)

Na metade do século XII, duas construções marcaram o início de um novo estilo. Primeiro, com a construção do monastério de St. Denis na província de Île-de-France, o estilo gótico nasce, mas é com a segunda obra, a catedral em Chartres, ele é reconhecido. A Arte Gótica foi produto da França e se desenvolveu nas formas de iluminuras, afrescos, arquitetura, vitrais e pinturas em tela. Durante seu desenvolvimento surgiu o estilo Gótico Internacional para, no século XV, evoluir para o Renascimento.

A Renascença Francesa surgiu no fim do século XV e se estendeu até meados do século XVII. Esta se deu devido à participação francesa nas Guerras Italianas aonde, devido ao contato com uma nova cultura, se aproximou com o espírito renascentista que esta nação exalava. Em meados do século XV, a França expressava suas artes sob a influência da Itália e Flandres pela Ecole de Fontainebleau. Durante o reinado de Francisco I (1515 – 1547) a escola desenvolveu obras com forte influencia do maneirismo italiano, fase conhecida como “Primeira Escola de Fontainebleau”, e no reinado de Henry IV (1589 – 1610), a fim de renovar as instalações de Fontainebleau (abandonadas devido as Guerras Religiosas), a “Segunda Escola de Fontainebleau” tomou forma com os artistas parisienses Toussaint Dubreill e Martin Fréminet e o flamengo Ambroise Dubois. Durante a renascença francesa também começa a ser construído o Palais des Tuileries, em 1564, sob os cuidados da viúva Catarina de Médici e o antigo Louvre é reconstruído por Pierre Lescot.



FIGURA 3: Fontainebleau

(FONTE: Paris Connection, 2009)

Na primeira metade do século XVII, o Maneirismo francês e o recém fundamentado Barroco são as principais formas de expressão artística realizadas. Também conhecido como Estilo Luis XIII, a primeira fase do barroco se destacava pelas influências do Barroco alemão e flamengo. Com Luis XIV (1643 – 1715) reinando, o Barroco se destaca com suas formas anti classicistas, deixando o

contraste como sua principal característica. O exagero e a teatralidade das formas somavam-se a uma sociedade opulenta e dramática. O Château de Versailles torna-se o grande local para festas e um dos principais ícones que Luis XIV planejou para glorificar a França e seu nome. (citação) “Os reis e príncipes da Europa seiscentista estavam igualmente ansiosos por exibir seu poderio e aumentar assim a sua ascendência sobre a mente dos súditos. Também eles queriam parecer seres de uma espécie diferente, guindados por direito divino acima do homem comum.” (GOMBRICH, 1977)



FIGURA 4: Palácio de Versailles

(FONTE: Architecture According 2 Anna, 2008)

Com a morte de Luis XIV, um período de liberdade foi revelado. Versailles foi abandonado, clubes de leituras tomando lugar das festas de gala na sociedade e o princípio do Rococó (com artistas como Antoine Watteau e Nicolas Lancret) marcam o curto período chamado Regéncia (1715 – 1723). Com Luis XV atingindo a maioridade, este assume seu posto de rei e cria-se então, o Estilo Luis XV. Mais simplista que o estilo de seu pai, o Rococó, como também era chamado, deixava de lado toda a ostentação trazida à corte, tanto em etiquetas e modos quanto, por exemplo, a substituição do ouro pela madeira. O sistema acadêmico francês continuava a produzir artistas de visibilidade como Jean-Honoré Fragonard e Jean-Baptiste Simeon Chardin que exploravam técnicas impressionistas em suas obras.

O Neoclassicismo toma forma na metade do século XVIII na França com o uso de inspirações e formas gregas e romanas. Nicolas Poussin, e seus

estudos e obras inspiradas pelo Classicismo Romano do século XVII, foi fonte de inspiração para o artista Jacques Louis David. Quando Luis XVI assumiu o posto de rei, com a morte de seu pai em 1774, um último estilo decorativo surge. Atualizando as formas com o passar de cada estilo (e neste último muito inspirado em sua esposa Maria Antonieta) o Luis XVI transformou em círculos o que antes eram quadrados. Cadeiras, poltronas, encostos e até mesmo a utilização das cores deixou a forma e o tom masculino de lado para dar vez às formas femininas.

Com a Revolução Francesa e as Guerras Napoleônicas, uma revolução ocorreu no estilo artístico francês durante o século XIX. De difícil definição, a primeira vertente deste século, o Romantismo, utilizava-se de paisagens e dramas como inspiração. Gustav Courbet e Édouard Manet foram referências para a época: o primeiro por ser o precursor do Realismo e o segundo por ser artista indispensável para a passagem entre o Realismo e o Impressionismo.



FIGURA 5: *O bar em Folies Bergere* de Edourd Manet, 1882

(FONTE: How Stuff Works, 2009)

Os últimos anos do século XIX foram importantes para experimentações de caráter artístico: George Seurat e suas obras baseadas nas teorias das cores e do pontilhismo deu início ao Impressionismo e Paul Gauguin e suas obras Pós-Impressionistas, ambas essenciais para o desenvolvimento artístico do começo do século XX.

A liberdade criativa gerada pelo Impressionismo e o Pós-Impressionismo gerou uma série de artistas de vanguarda com destaque para os pintores do Les Nabis e os do Fauvismo. Os trabalhos de Picasso e George Braques transformaram a noção estética de Cézanne levando-o a desenvolver estudos sob o Cubismo. Baseados no Dadaísmo e sua premissa de anti-arte, o Surrealismo surge como uma forma provocativa de explorar o inconsciente da mente durante a década de 30.

Logo após o fim da Primeira Guerra Mundial a arte francesa divergiu em duas vertentes completamente opostas. Dando continuidade aos estudos prévios realizados pelos surrealistas, o L'art Informel foi tido como a versão europeia do Expressionismo Abstrato enquanto, baseado em desenhos infantis, desenhos animados e cartuns nos mais variados tipos de mídia, Jean Dubuffet se expressou durante o pós-guerra. Durante o fim da década de 50 e começo dos anos 60 a Pop Art tomou seu lugar na nação francesa. Coletivos de artistas, a fim de transformar a forma de apreciar e desenvolver técnicas, removiam o material de seu contexto e isolavam o objeto. Sua premissa não era a arte em si mas sim o que levou a desenvolver essa forma de expressão. Outros nomes de destaque dentro da arte francesa no século XX: Robert Doisneau (fotógrafo), Henry Cartier Bresson (fotógrafo), Philippe Starck (designer de produto), Coco Chanel (estilista), Yves Saint Laurent (estilista), Christian Lacroix (estilista).



FIGURA 6: *O beijo em frente ao hotel De Ville* de Robert Doisneau, 1950

(FONTE: Emily Blakely, 2007)

2.3 O Ano da França no Brasil

A fim de promover culturas estrangeiras a França criou um programa chamado Saison Culturelle Européenne, oferecendo a uma nação parceira a oportunidade de apresentar a riqueza e a diversidade cultural, científica e econômica sob o solo francês durante o período determinado. A um convite oficial da França às nações, esta política teve início em 1985 com o apoio de, o até então presidente, Valérye Giscard d'Estaing, o Ministério das Relações Exteriores e o Ministério da Cultura e da Comunicação. Pode-se citar que um dos países que participou deste evento foi a Geórgia que, entre a primavera de 1998 até 1999, apresentou sua cultura ao povo francês. Nos anos seguintes Ucrânia (1999), Hungria (2001), Republica Tcheca (2002), Argélia (2003), China (2003/2004), Polônia (2004), Islândia (2004), Brasil (2005), Letônia (2005), Armênia (2007), Finlândia (2008) foram os países que participaram deste programa que já possui os países escalados para os próximos anos sendo os escolhidos Turquia (2009/2010), Rússia (2010) e México (2011).

O Ano do Brasil na França, realizado de março a dezembro de 2005, foi fruto de uma parceria entre nações que reuniu projetos brasileiros nos mais variados níveis e nichos como teatro, cinema, dança, fotografia, artes plásticas, moda, literatura. Servindo como uma oportunidade de mostrar o Brasil não somente como uma nação em pleno crescimento mas também como uma grife, o evento também contou com a participação da comunidade empresarial de ambas as nações.

Com o sucesso do evento ocorrido em 2005, um encontro entre os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Jacques Chirac serviu como anúncio da organização do Ano da França no Brasil, que está sendo realizado agora em 2009. O evento, que teve início em 21 de abril e se estende até 15 de novembro deste ano, tem como princípio apresentar três facetas aos brasileiros sendo elas a França hoje, que envolve criações artísticas, desenvolvimentos científicos e tecnológicos até mesmo debates econômicos, a França diversa, a fim de mostrar a diversidade da sociedade francesa e de suas fronteiras e por fim a França aberta, aquela que busca parceiros para a realização de projetos entre nações (parcerias franco-brasileiras)

como também se associar a terceiros como países da África, América Latina e Caribe e a discussão de questões que abordem temas de cunho global.

A abertura do evento se deu com o show pirotécnico do Groupe F na Lagoa Rodrigo de Freitas, no dia 21 de abril. Dentro da programação do Ano da França estão incluídas exposições artísticas como as da obra de Henri Matisse na Pinacoteca de São Paulo, Coleção Renault: Uma Aventura Moderna nos Museus Oscar Niemeyer em Curitiba e MAC de São Paulo, a retrospectiva do estilista Yves Saint Laurent em São Paulo e no Rio de Janeiro, as esculturas de Antoine Houdon no Museu Histórico Nacional e a 13ª edição do Festival Amazonas de Ópera, que será totalmente dedicado à França. No total são mais de 600 eventos de temáticas variadas ao longo de todo o território nacional.

3. ESTUDOS DE CASO

Pavilhões culturais abrangem as mais variadas funções, podendo ser voltados para a apresentação de uma cultura a uma nação, admiração de coleções de arte e até mesmo como espaço multifuncional. Dentro desta proposta, três análises foram feitas com diferentes tipologias de pavilhão. A primeira representa uma estrutura itinerante feita por Zaha Hadid para a marca francesa Chanel, a segunda um espaço multifuncional idealizado por Rem Koolhaas para a marca italiana Prada e por último uma análise sobre a obra de Paulo Mendes da Rocha para a Feira Internacional de 1970.

É importante salientar que a ausência de projetos locais se deve pela inexistência de obras dentro da tipologia proposta. Para tanto, a obra de Paulo Mendes da Rocha contribui para o olhar brasileiro sobre a arquitetura de pavilhão.

3.1 Chanel Mobile Art por Zaha Hadid

Divulgado na 52ª Exposição Internacional Arte de Veneza, em 2007, o pavilhão de arte da Maison francesa Chanel é uma celebração ao estilo da marca. A pedido do diretor criativo da marca, Karl Lagerfeld, Zaha Hadid criou um espaço aonde a mobilidade e a possibilidade de ser montável e desmontável fosse essencial. O pavilhão foi montado em Hong Kong (de fevereiro a abril de 2008), Tokyo (maio a julho de 2008) e Nova York (outubro de 2008) deixando Londres, Moscou e Paris sem receber a icônica forma criada pela arquiteta israelense devido aos problemas financeiros causados pela crise econômica iniciada no segundo semestre de 2008.



FIGURA 7: Vista externa do pavilhão

(FONTE: Inhabitat, 2008)

O pavilhão foi projetado para expor trabalhos de vinte artistas contemporâneos, tais como Yoko Ono, Sylvie Fleury, Subodh Gupta entre outros, todos inspirados na peça icônica da marca: a bolsa 2.55 idealizada por Coco Chanel em fevereiro de 1955. Dentro dessa premissa, formas de expressão que variavam desde instalações audiovisuais até literatura e pinturas deveriam fazer parte do objeto arquitetônico, e não apenas serem peças em um museu itinerante, a fim de criar uma experiência extra-sensorial. Acompanhado de um aparelho mp3 e uma

narração com duração de 35 minutos, o espectador era levado adentro do museu sendo apresentado a formas como uma recriação da bolsa 2.55 em escala muito superior à original, uma árvore dos desejos até a representação da calçada do edifício residencial de Coco Chanel, localizado no número 31 da Rua Cambon em Paris.



FIGURA 8: Vista interna do pavilhão

(FONTE: Inhabitat, 2008)

Com um tamanho total de 700 m², a forma amebóide (também chamada de *blob*) possui em suas dimensões máximas os valores de 29 metros por 45 metros. Montado a 1 metro do chão, a altura total da edificação é de 6 metros. A estrutura arquitetônica é formada por elementos metálicos arqueados, sendo que os segmentos estruturais possuem no máximo 2,25 metros de largura. O transeunte é recepcionado por um pátio de 128m² e, após dentro do museu, percorre todo o perímetro da forma aonde estão localizadas as obras de arte. Possui uma praça central, desenhada para receber eventos diversos assim como área de reflexão pós-exibição, de 65m² que serve como um espaço intermediário entre as áreas de exposição e o pátio de entrada e saída que também abriga o guarda volumes (aproximados 25m²). Esta praça e o pátio podem formar um único ambiente dependendo do evento a ser sediado.

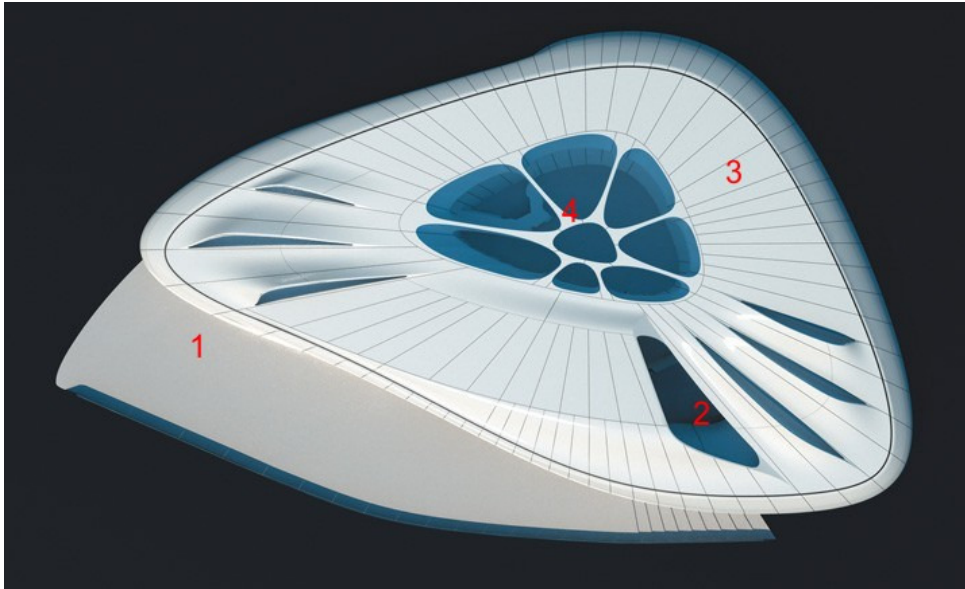


FIGURA 9: Vista superior da estrutura com indicação dos espaços de acordo com as aberturas. 1. Pátio de acesso, 2. Guarda volumes, 3. Área de exposições, 4. Praça central

(FONTE: Wallpaper, 2007)

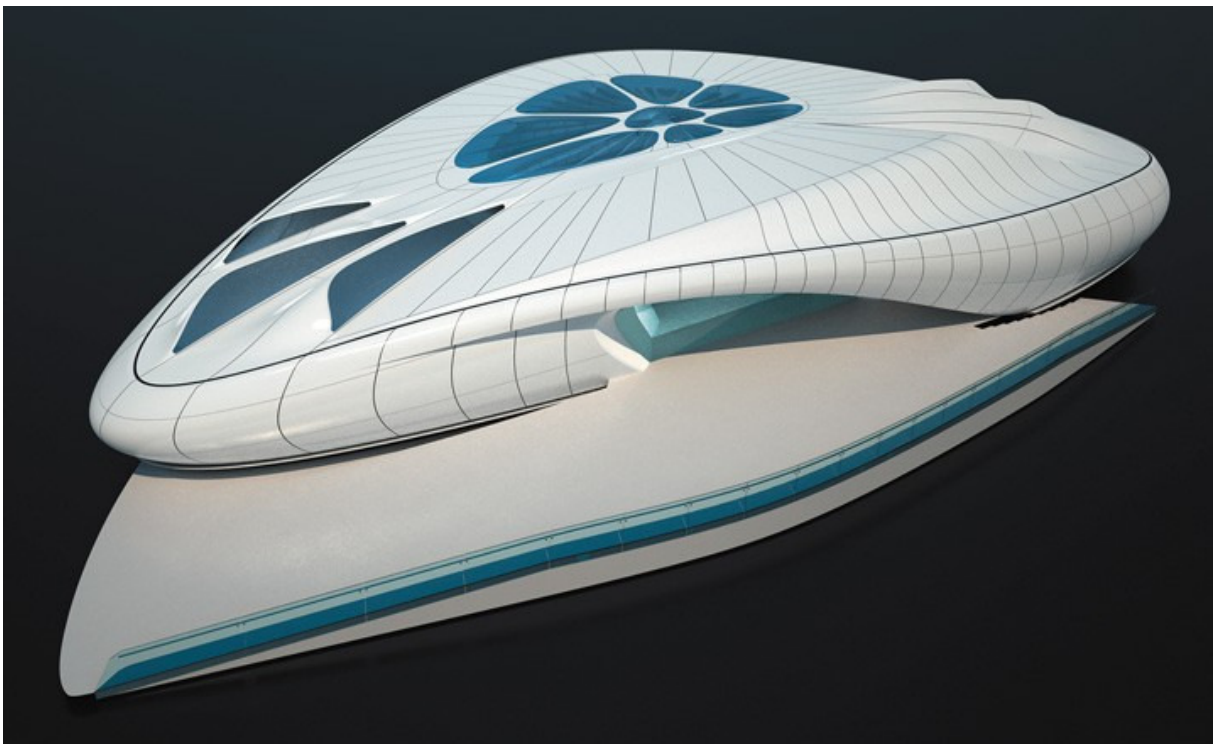


FIGURA 10: Perspectiva externa

(FONTE: Wallpaper, 2007)

A iluminação do edifício é formada por sete elementos translúcidos que permitem a passagem de luz natural para dentro do ambiente se fundindo com a luz artificial vindo dos vazios formados entre as peças do pavilhão, a fim de enfatizar os arcos estruturais. Desse total de feixes de luz natural, seis são

destinados à área de exposições e a sétima é destinada para realçar a relação entre o interior e o exterior. Os seus painéis de vedação, feitos de fibra de vidro termodinâmico, foram concebidos para ajudar a ajustar a temperatura interior da edificação em resposta ao clima, particular de cada cidade em que o pavilhão for montado, além de que com a variável de iluminação colorida (artificial ou não) incidida sobre a superfície permite uma variação na forma de apresentação do edifício.

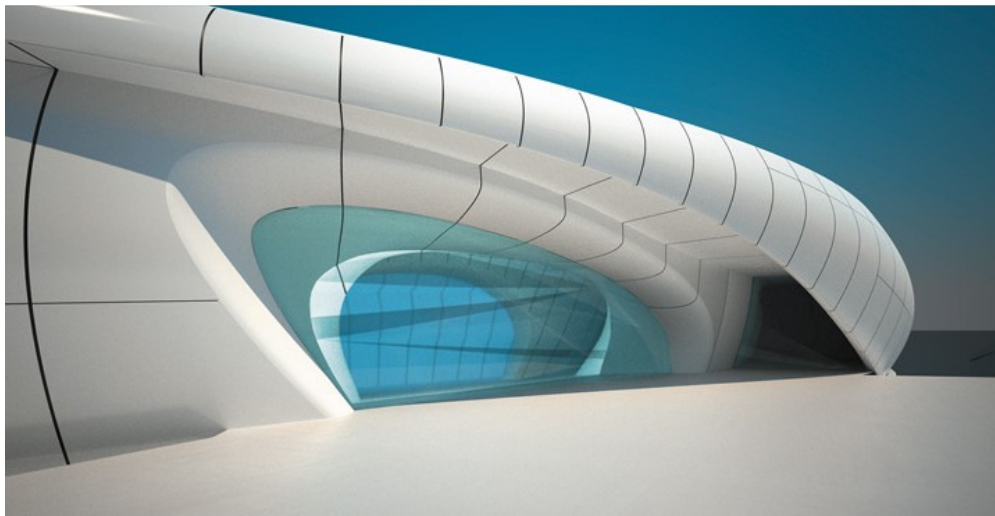


FIGURA 11: Perspectiva da área de entrada e saída ao Art Pavillion

(FONTE: Wallpaper, 2007)

Sobre a complexa forma criada para o pavilhão, Zaha Hadid, em entrevista para o portal “Archicentral”, diz:

The complexity and technological advances in digital imaging software and construction techniques have made the architecture of the Mobile Art Pavilion possible. It is an architectural language of fluidity and nature, driven by new digital design and manufacturing processes which have enabled us to create the Pavilion’s totally organic forms— instead of the serial order of repetition that marks the architecture of the industrial 20th century.¹

¹ A complexidade e os avanços tecnológicos em programas de imagem digital e em técnicas construtivas fizeram o Mobile Art Pavillion possível. É uma linguagem arquitetônica fluida e natural, induzida pelo design digitalizado e processos manufaturados que permitiram a criação total das formas orgânicas do pavilhão – ao contrário da ordem de repetição que marcou a arquitetura industrial do século 20.

O peso total desta estrutura é de 180 toneladas, formada por 700 peças. Para seu transporte 51 containers são utilizados e demora-se três semanas para a montagem do museu itinerante.



FIGURA 12: Foto do pavilhão montado no Central Park em Nova Iorque
(FONTE: New York Times, 2008)



FIGURA 13: Foto do pavilhão montado em Hong Kong
(FONTE: Inhabitat, 2008)

3.2 Prada Transformer por OMA Architects

Projetado por Rem Koolhaas pela OMA Architects, o Prada Transformer se caracteriza pela multiplicidade de formas e funções dentro de apenas um objeto construído. “Como vocês sabem existe uma série de interações entre arte e moda atualmente, assim como arte com a arquitetura e arquitetura com a moda. (...) Basicamente o que está acontecendo é que essas disciplinas que costumavam ser separadas estão se tornando uma única mistura” disse Koolhaas sobre a conceituação do projeto. Idealizado para celebrar a marca italiana Prada, o Transformer irá sediar, durante seus cinco meses de exposição, uma série de eventos interculturais e, para cada um desses, uma nova forma edificada assim como uma nova planta.

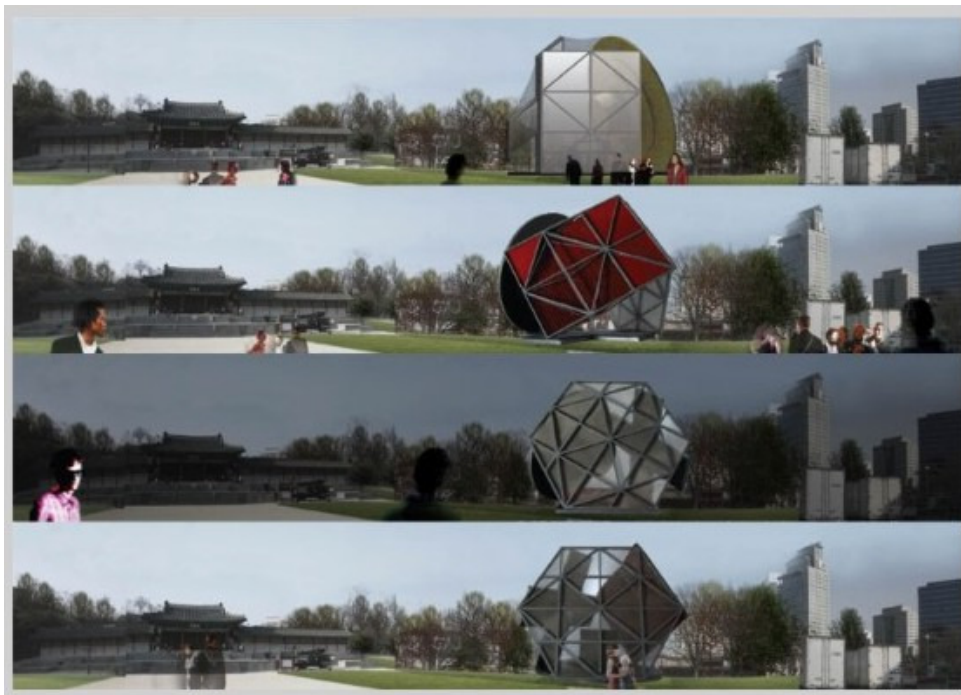


FIGURA 14: Esquema de representação das formas

(FONTE: Prada Transformer, 2009)

Sua forma consiste em um tetraedro composto de quatro planos, diferente um do outro, formado por uma cruz, um círculo, um retângulo e um hexágono. Cada lado da edificação foi precisamente desenhado para receber eventos específicos criando uma estrutura com quatro identidades. Quando uma dessas formas é a planta utilizada, as outras três formas se tornam as paredes e a cobertura do edifício, de forma a mostrar o que já ocorreu anteriormente naquele

espaço ou o que está para acontecer. O hexágono servirá como um espaço para exibição de uma exposição de moda (“Waist Down, skirts by Miuccia Prada” de Miuccia Prada), a cruz como espaço voltado para instalação artística (“Turn into me” de Nathalie Djuberg pela Fondazione Prada), o retângulo como área voltada para exibições cinematográficas (“Flesh, Mind and Soul”, programação feita por Alejandro González Iñárritu) e o círculo como passarela para exibição de desfile de moda.

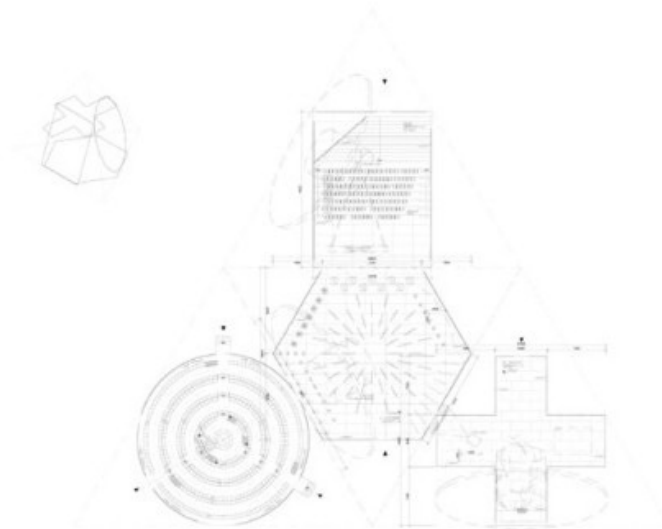


FIGURA 15: Representação planificada da estrutura

(FONTE: Prada Transformer, 2009)

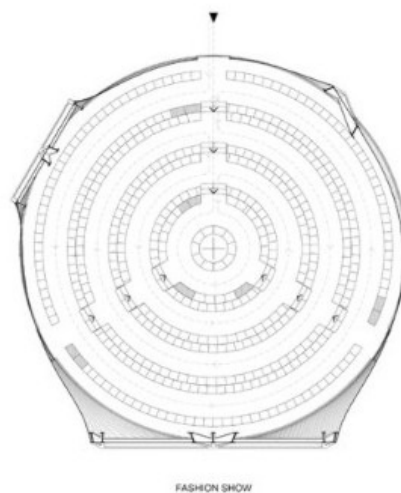


FIGURA 16: Planta circular do espaço voltado para desfiles de moda

(FONTE: Prada Transformer, 2009)

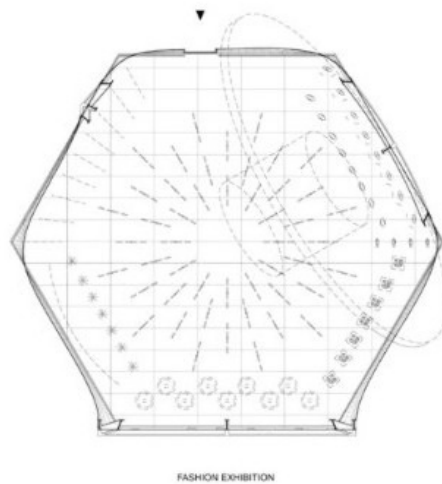


FIGURA 17: Planta hexagonal voltada para o espaço exposição de moda

(FONTE: Prada Transformer, 2009)

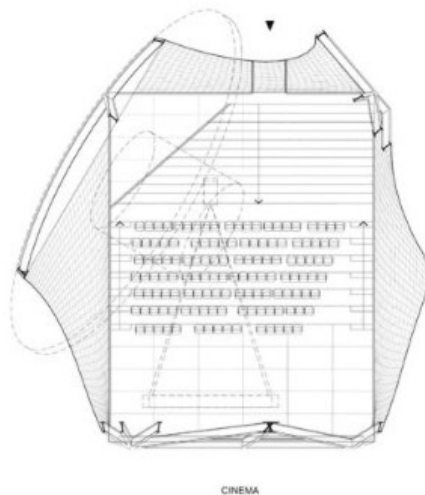


FIGURA 18: Planta retangular voltada para exibição de filmes

(FONTE: Prada Transformer, 2009)

O Prada Transformer é formado pela estrutura de eventos e um corredor, com função de bloco de serviços, de 70 metros de extensão formado por containeres de navio. A área de serviços possui piso de metal perfurado e cada container, que possui seus lados menores feitos de vidro, tem um programa especial que varia desde cozinha até escritórios. O bloco de eventos é feito de estrutura metálica formado de 250 peças, 3000 parafusos e pesa aproximadas 180 toneladas. A cobertura desta estrutura foi desenvolvida especialmente para este projeto pela Cocoon Holland BV e consiste em uma pele elástica e translúcida, parecida com o

tecido utilizado para cobrir maquinaria pesada assim como aviões antigos, e que quando esticada revela a geometria crua utilizada no projeto dos patamares de piso criando uma conexão amorfa entre eles. A área do hexágono é igual a 385m^2 , o círculo possui 349m^2 , o retângulo 276m^2 e a cruz 225m^2 enquanto a área total da membrana de cobertura é igual a 1660m^2 .



FIGURA 19: Foto da membrana utilizada como cobertura

(FONTE: Prada Transformer, 2009)

Para a transformação do pavilhão e, em conseqüência, a mudança do uso, a utilização de guindastes é necessária. Através de comandos pré-programados, os guindastes elevam e giram o prédio dentro de um eixo pré-estabelecido e, em menos de 60 minutos, uma nova interpretação de um objeto arquitetônico é criada.

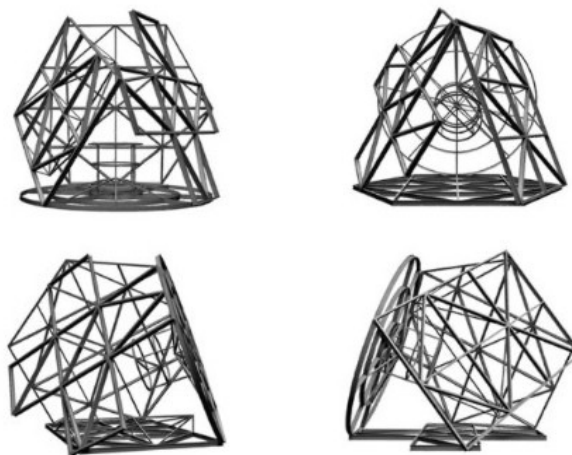


FIGURA 20: Estrutura

(FONTE: Prada Transformer, 2009)

A instalação desse projeto está sendo realizada em Seul, capital da Coreia do Sul, e localizada perto de um palácio datado do século XVI, o Gyeonghui. O projeto foi apresentado em fevereiro de 2009 e tem previsão de durar seis meses. No dia 25 de abril deste ano celebrou a conclusão e a abertura da primeira fase do programa com a exposição da diretora criativa da marca italiana, Miuccia Prada, que teve fim no dia 30 de maio. Atualmente está em fase de finalização da segunda fase, o festival de cinema, e tem previsão de reabertura para o dia 26 de junho com e a duração de quinze dias de eventos. Após esta, a terceira fase com a instalação artística prevista para 16 de agosto até dia 30 de setembro quando começa a fase final do projeto com um evento a ser divulgado.



FIGURA 21: Foto do pavilhão montado em sua 1ª fase

(FONTE: Prada Transformer, 2009)

3.3 Pavilhão do Brasil para a Expo '70 por Paulo Mendes da Rocha

Idealizado para Expo '70 em Osaka, o Pavilhão do Brasil projetado por Paulo Mendes da Rocha é uma cobertura que pousa sobre o território. Realizado em colaboração com Flávio Motta, Júlio Katinsky, Ruy Ohtake, Jorge Caron, Marcelo Nitsche e Carmela Gross, o projeto foi realizado mediante concurso público organizado pelo Ministério das Relações Exteriores.

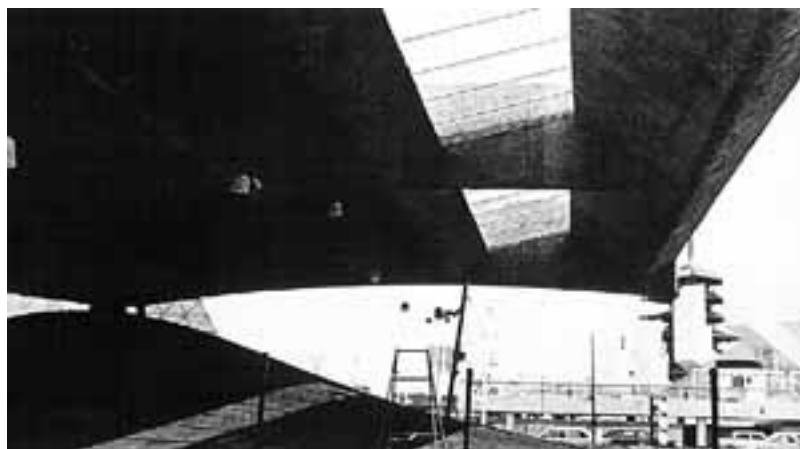


FIGURA 22: Pavilhão do Brasil, Expo'70

(FONTE: MONTANER, 1996)

Representando o conhecimento e o desenvolvimento tecnológico, o pavilhão fez com que o terreno trabalhasse em função da estrutura e não o contrário. A alteração da topografia do sítio fez com que tocassem, em três pontos da laje, porções de terra sobrando apenas um único pilar configurado de acordo com o seu real uso. Este único pilar marcava a verticalidade do projeto com sua forma de arcos cruzados. A expressão da forma representada no pavilhão, de acordo com Paulo Mendes da Rocha em entrevista cedida a Andrea Macadar (2004), não representa a arquitetura brasileira.

“Leve, aberta, uma cobertura de concreto protendido e vidro, simplesmente apoiada sobre a terra. Com o intuito de exprimir uma relação dialética entre natureza e artefato, o chão contínuo ondula-se e recebe o abrigo idealizado pelo homem, como memória da paisagem, ao passo que o pilar em arco duplo,

relembrem momentos da história de uma urbanidade que se formou da experiência de pensar o espaço brasileiro (...).” MONTANER (1996, p.30)

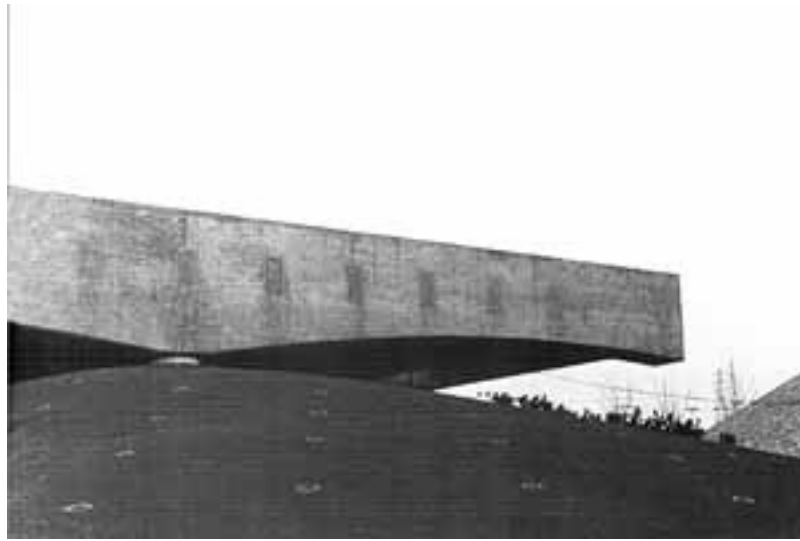


FIGURA 23: Vista externa do pavilhão

(FONTE: MONTANER, 1996)

O pavilhão possuía em seu interior uma exposição disposta em uma superfície horizontal, concebida por Flávio Motta, e, no seu subsolo, um pequeno teatro e um salão de exposições.

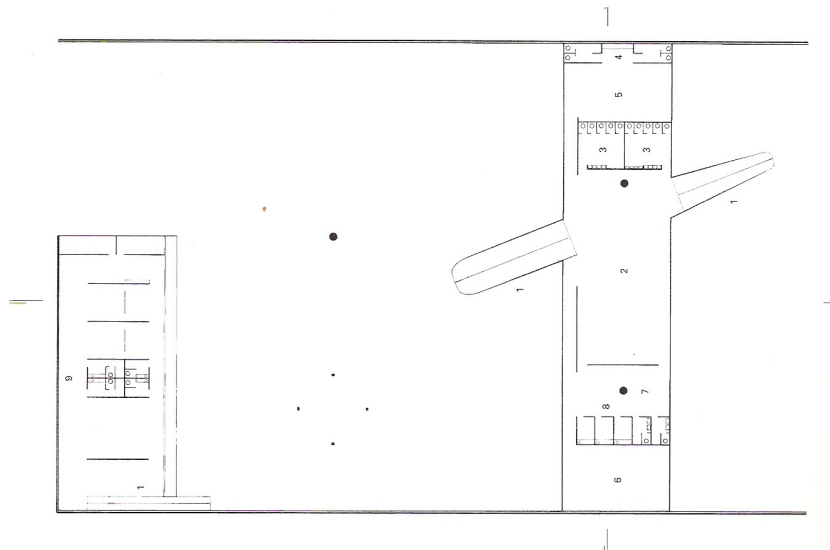


FIGURA 24: Planta do subsolo do pavilhão

(FONTE: ARTIGAS, 2002)

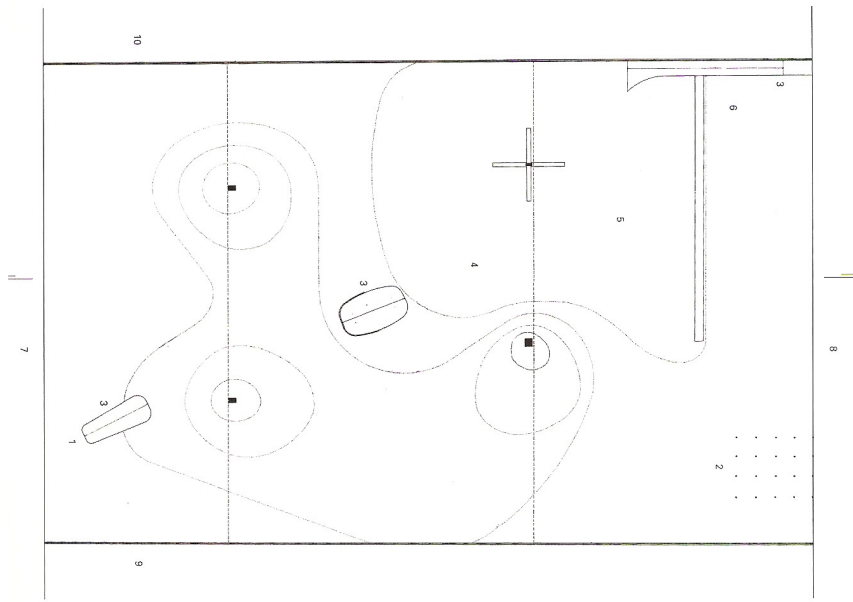


FIGURA 25: Planta térrea
(FONTE: ARTIGAS, 2002)

4. Interpretação da Realidade

O princípio de uma arquitetura efêmera é atingir os mais diversos tipos de público ao mesmo tempo em que se adapta às mais diferentes localidades. Ao propor um pavilhão itinerante é necessário levar em consideração o circuito a ser percorrido pelo projeto. A fim de atender tanto uma sociedade que já é acostumada a eventos culturais, e que cobra por mais novidades, quanto um nicho carente que nunca teve acesso a uma programação do gênero, pelo fato de ser sempre direcionado às grandes metrópoles, a proposta é levar o pavilhão a seis cidades do Brasil sendo três delas devido a sua relação histórica com a imigração francesa.

Os locais escolhidos dentro das três cidades compartilham das mesmas características mínimas para a montagem do pavilhão. Devem ser locais de poder público com facilidade de acesso, área de estacionamento já estabelecida pelo espaço, situar-se dentro de uma área verde da cidade, dispor de um sítio livre equivalente a 1600m² (40mx40m) e possuir um nível de declividade máxima de 6%.

4.1 Curitiba

Dentro da cidade de Curitiba o terreno escolhido situa-se dentro da área do Parque Barigüi. Localizado nos bairros Bigorriho e Cascatinha, o parque possui aproximados 1,4 milhão m² e um lago de 230 mil m². Sua criação é datada de 1972 pelo arquiteto Lubomir Ficinski e através dos anos se tornou um dos maiores símbolos da capital paranaense. De origem indígena, o termo Barigüi significa “rio do fruto espinhoso”, em alusão ao rio que atravessa o parque, em decorrência da queda das pinhas na água.



FIGURA 26: Parque Barigui

(FONTE: Bilder Videos Curitiba, 2009)

Além de possuir espaços voltados ao esporte como pista de corridas e caminhadas, mobiliário urbano voltado para a prática de alongamentos e ginásticas, quadras poliesportivas, pista de bicicross e aerodelismo e academia de ginástica o parque também possui um bosque com trilhas para a prática de trekking e áreas destinadas a eventos culturais como o Museu do Automóvel, o Centro de Exposições de Curitiba, bares e restaurantes além de sediar a Secretária Municipal de Meio Ambiente (SMMA).

O acesso se dá tanto pela Rua Cândido Hartmann quanto pela BR-277 sentido Ponta Grossa. A presença de um terminal de transporte coletivo a 500 metros do parque e as linhas de ônibus alimentadoras da região apresentam outras alternativas para chegar ao Barigüi, permitindo que toda a população usufrua e se aproprie do espaço do espaço criado.

Para a montagem do pavilhão foi escolhida a península localizada na porção sudoeste do parque. Próximo ao Centro de Exposições e ao estacionamento, neste local a estrutura cumpre com a sua premissa de surpreender em uma paisagem que não está acostumada com este tipo de intervenção.



FIGURA 27: Vista superior do Parque Barigui com a demarcação do terreno proposto

(FONTE: Google Earth, 2009)

4.2 Rio de Janeiro

O Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, ou Parque do Flamengo, é uma importante intervenção em termos de utilizar um parque como um instrumento de planejamento urbano. A conexão entre as zonas Norte e Sul da cidade e a integração com o MAM (Museu de Arte Moderna), o Aeroporto Santos Dumont e o Iate Clube faz com que o parque seja um ponto de encontro da população na região, tornando-se o local apropriado para a montagem do pavilhão no Rio de Janeiro. Outro motivo para a montagem da estrutura no Rio de Janeiro é devido à imigração francesa que, no século XVI, criou nesta cidade uma “França Antártica”, influenciando a forma de pensar dos cidadãos brasileiros desta época.



FIGURA 28: Aterro do Flamengo

(FONTE: A Vida é Lá Fora, 2009)

A iniciativa de construção do parque se deu no governo de Carlos Lacerda em 1961, quando nomeou Maria Carlota de Macedo Soares para coordenar o projeto. Para ela o parque serviria para conter a especulação imobiliária, criando um parque não convencional formado por um corredor de carros completamente arborizado. O desenvolvimento do projeto também contou com a

participação de Burle Marx o qual introduziu cerca de 190 espécies, nativas e exóticas, ao longo de seu 1,2 milhão m². O parque foi inaugurado em 12 de outubro de 1965.

As quadras poliesportivas localizadas na praia do Flamengo foram o local escolhido para a montagem deste.



FIGURA 29: Vista superior das quadras poliesportivas do Parque do Flamengo, local proposto para a montagem do pavilhão

(FONTE: Google Earth, 2009)

4.3 São Paulo

Localizado na Zona Oeste da cidade, mais precisamente no bairro de Alto dos Pinheiros, o Parque Villa-Lobos une o lazer, o bem-estar, a cultura e a consciência ambiental em apenas um espaço. Seu compromisso com a população devido suas atividades locais, tais como aulas de tênis e futebol, exercícios terapêuticos chineses e oficinas diversas, faz com que este espaço, que já sediou eventos como Cirque Du Soleil e festivais musicais, facilite a chegada do público ao pavilhão.



FIGURA 30: Parque Villa Lobos

(FONTE: Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo, 2007)

Antigamente uma área de descarte de resíduos, o local passou por uma revitalização iniciada em 1987. O projeto original previa uma “cidade da música” com a criação de espaços voltados para shows, escolas de balé e música e oficina de criação de instrumentos. Inaugurado em 1994, o parque só foi concluído em abril de 2006 com os trabalhos de revitalização e expansão realizados pela Comgás, a Companhia de Gás de São Paulo.

O parque possui 732 mil m² e abriga pista de caminhada e corrida, ciclovias, quadras poliesportivas, concha acústica para a realização de shows, anfiteatro, playgrounds, equipamentos para alongamentos e exercícios e uma média de 25 mil usuários ao longo da semana. O local também é o primeiro a ser adequado à acessibilidade de pessoas com deficiências que vai sinalização pista tátil a rampas para cadeirantes.

A montagem do pavilhão seria na porção central do parque na chamada “Ilha Musical”, localizada na área de esplanada.



FIGURA 31: Vista superior do parque focando a área de montagem, a chamada “Ilha Musical”

(FONTE: Google Earth, 2009)

5. Diretrizes gerais do projeto

A criação de uma entidade museológica itinerante exige uma série de condições para ser viável. O propósito de sua criação, a legislação que o rege, curadoria e acervo e o meio de transporte da estrutura são alguns dos fatores relevantes e de cuidados diferentes aos de obras fixas.

A proposta de um pavilhão itinerante que celebre o ano da França no Brasil possui como base levar a cultura contemporânea francesa aos mais diversos tipos de público nos mais variados ambientes. Além disso, aliar uma arquitetura fora do usual com a mobilidade proposta por métodos construtivos de fácil montagem tornam o projeto único em sua execução.

“Em um mundo globalizado, Brasil e França dividem os mesmos valores democráticos e sociais e têm a ambição de construir uma sociedade justa, aberta e multipolar, que respeita a diversidade cultural e lingüística dos povos.”
(Antoine Pouillieute, Embaixador da França)

Partindo desta premissa, o pavilhão se encaixa dentro da proposta do ano que é apresentar uma França criativa e plural, que alia ciência e arte, colocando a economia e cultura num mesmo patamar. Cruzar três estados com obras de dez artistas franceses, por um período de três meses, permite que a população brasileira descubra a diversidade de uma nação por meio de expressões artísticas de vanguarda.

5.1 Viabilidade

A Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, institui o Estatuto do Museu e, por consequência, define o que é este pavilhão:

“Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.”

Partindo deste princípio, a criação de uma entidade museológica itinerante ainda depende de outras questões legais para ser viável. Atualmente na legislação brasileira não existe nenhum documento que se destine a este tipo de atividade e tipologia construtiva, cabendo às secretarias municipais, das cidades a ser montada a estrutura, permitir a execução, conceder o espaço e criar as concessões necessárias para tal.

“Este tipo de estrutura também pode ser vista como um mobiliário urbano, diferente do que a maioria da população pensa. Cabe à prefeitura a gestão do espaço público e, para permitir um evento destes, deve-se recorrer às secretarias responsáveis pelas áreas de abrangência do projeto. Para um evento atípico como este, seria necessária a aprovação da SeTur (Secretária de Turismo) e da Fundação Cultural devido o seu cunho cultural. Após a aprovação, o pedido seria encaminhado à SMMA (Secretária Municipal do Meio Ambiente), órgão responsável pela área do Parque Barigui, que avaliaria o impacto de um projeto deste dentro da área verde e, se necessário, criaria condições especiais para montagem. Com o aval da SeTur e da SMMA, a aprovação do Corpo de Bombeiros sobre o projeto é o próximo passo para, no fim, direcionar-se à Secretária Municipal de Urbanismo para expedir a licença de montagem. O IPPUC, num processo desses, não possui nenhuma voz ativa, servindo apenas como órgão de consultoria” diz o arquiteto do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) Robinson Diz Muniz sobre a instalação do pavilhão dentro da área urbana de Curitiba. Ao ser questionado sobre o funcionamento da aprovação em outros estados, o arquiteto diz

que “o processo seria o mesmo, cabendo às secretárias municipais suas concessões e permissões, já que não existe lei federal que defina os parâmetros mínimos de um projeto deste”.

5.2 Estrutura

O projeto de um pavilhão itinerante possui como foco principal a sua estrutura. Desde aspectos como viabilidade da forma, facilidade de montagem e desmontagem, transporte das peças entre outros devem ser levados em consideração. Para esta proposta, foram estudados diferentes formas de estruturas que se encaixam no perfil acima citado e que abrigam usos variados.

5.2.1 Estruturas infláveis

Permitindo configurações construtivas para fins diversos, esta tipologia estrutural foi desenvolvida pelo propósito de propiciar mobilidade compactada e praticidade. Depende de um módulo de tratamento e climatização do ar que sustente a estrutura e, devido suas características pneumáticas, é adaptável ao terreno.



FIGURA 32: estrutura inflável chamada de Spacebuster criada por Raumlabor em parceria com o Goethe Institut, em Nova Iorque

(FONTE: Archdaily, 2009)

5.2.2 Estruturas metálicas

As estruturas metálicas são leves, de fácil mobilidade e pelo fato de serem peças pré-fabricadas possuem precisão em suas dimensões. O canteiro de obras para tal é seco e depende de mão de obra especializada para sua montagem além de utilizar de poucos tipos de materiais para a sua montagem (perfis metálicos, parafusos e eletrodos de solda). A cobertura de uma estrutura dessas pode ser rígida (placas cimentícias, fibra de vidro, madeira) ou flexível (tensionados).



FIGURA 33: estrutura criada por Zaha Hadid para a cidade de Chicago

(FONTE: Archdaily, 2009)

5.2.3 Estruturas de madeira

Sendo um material renovável e abundante no país, a madeira não exige nenhum requinte para seu manuseio. Possuem menor densidade que as estruturas de aço, sendo em torno de oito vezes menor o seu valor se comparado com o outro material, e, pelo fato de ser natural, não necessita de nenhum processamento industrial, apenas um acabamento. É fácil para definir as peças

estruturais assim como suas dimensões. Além da madeira in natura, a utilização de compensados na criação de esqueletos e vedação também é outra forma de utilização deste material em estruturas.

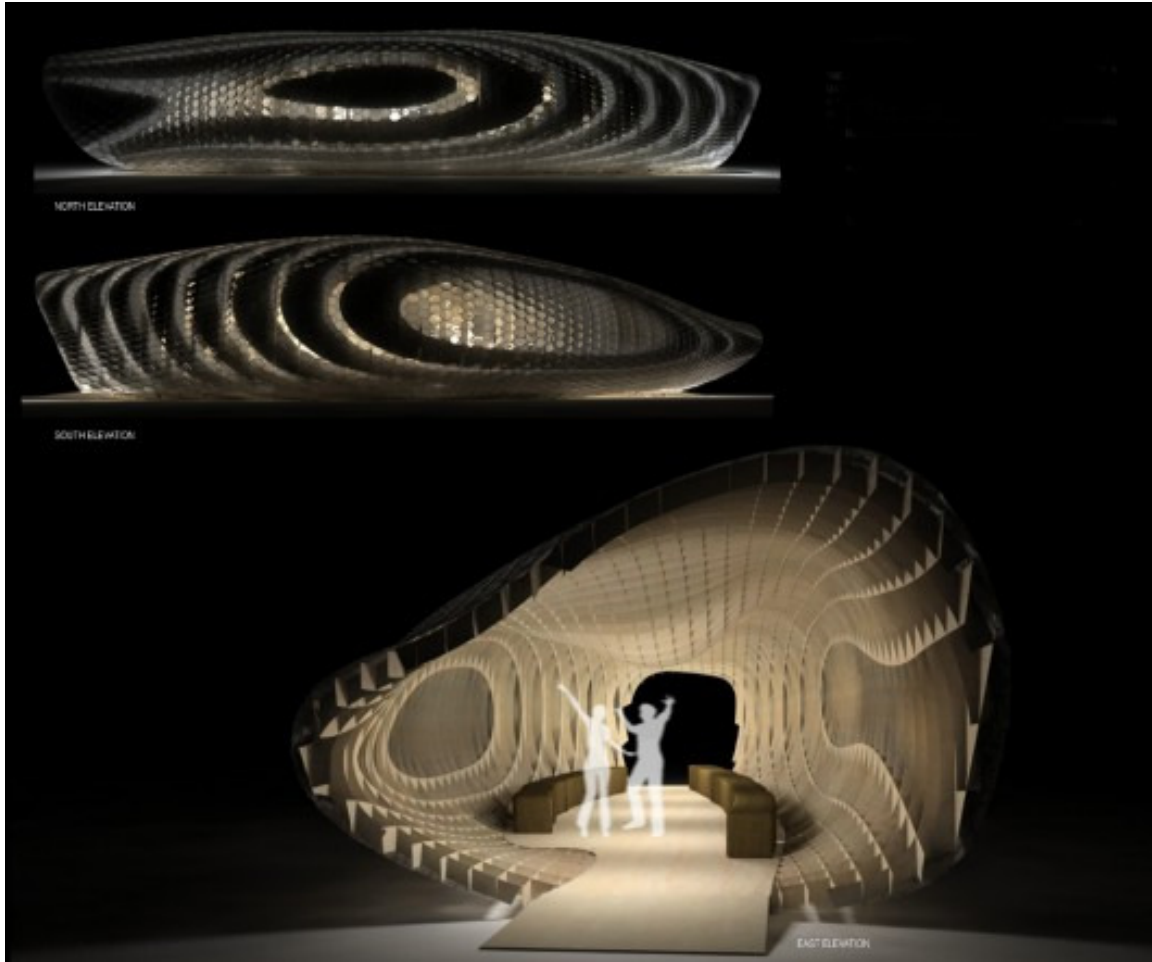


FIGURA 34: Pavilhão criado para o Art Fund Pavillion Competition 2009 pelo Cre8 Architecture, em Londres.

(FONTE: Archdaily, 2009)

5.2.4 Containeres

A arquitetura de container é uma tipologia que vem crescendo a cada ano. Devido a sua mobilidade e facilidade de manuseio quanto ao design, os 18m² dispostos têm sido uma saída para aqueles que procuram ou pequenos espaços ou a possibilidade de montar uma área maior agregando mais de um elemento na formação do ambiente. Em sua maioria é destinada a moradias transitórias (apartamentos universitários) e instalações comerciais temporárias em grandes centros urbanos.



FIGURA 35: Loja itinerante da marca Puma feita de containeres. Acompanhou a edição 2008-2009 da Volvo Ocean Race

(FONTE: Archdaily, 2009)

5.3 Programa de necessidades

A idéia do projeto surgiu da premissa de unir uma cultura estrangeira com a sociedade brasileira, partindo de um acordo diplomático entre duas nações. O Ano da França no Brasil permitiu que essa idéia fosse levada adiante e propondo uma atualização da visão do brasileiro sobre o que acontece atualmente nas artes francesas. A proposta de um pavilhão itinerante é a forma de democratizar o acesso da população das mais diferentes regiões e classes, objetivando a migração cultural nas mais diferentes formas.

Utilizar uma arquitetura que faça parte do evento, e não apenas como abrigo de uma exposição, é o início do projeto. Uma grande área de exposição aliada a uma praça de eventos, que servirá tanto para eventos quanto para cursos ministrados para a população, fazem parte da área principal do complexo. Junto, a bilheteria e guarda volumes. Anexo à área pública, uma área de serviços que conta com banheiros públicos, administração e banheiro restrito aos trabalhadores do local, todos organizados dentro dos espaços destinados ao transporte da estrutura (containeres).

5.4 Artistas franceses presentes na exposição

A fim de mostrar para a população o que acontece na arte contemporânea francesa, foi feita uma seleção baseada em pesquisas de cunho artístico bem como gosto pessoal. Artistas de renome da cena vanguardista francesa das mais variadas maneiras de expressão se encontram entre os selecionados.

5.4.1 François Roche

Arquiteto parisiense, nascido em 1961, Roche não permite que o encaixem em padrões pré-definidos. Acredita numa arquitetura camaleônica cujo objetivo é conectar o corpo humano com o corpo arquitetônico através da manipulação das leis da natureza. Já possuiu trabalhos expostos em cinco Bienais de Veneza e nos mais diversos museus do mundo entre eles o Museu de Arte Moderna em Paris.



FIGURA 36: Spidernethewood, instalação, 2007

(FONTE: New Territories, 2009)

5.4.2 Tatiana Trouvé

Considerada a nova Louise Bourgeois, Tatiana Trouvé é autora de instalações, esculturas e desenhos que desafiam o tempo e o espaço. Em obras recheadas de melancolia, sua razão é criar a angústia em frente a um mundo que se transforma ininterruptamente.



FIGURA 37: Untitled, 2008

(FONTE: Galerie Emmanuel Perrotin, 2009)

5.4.3 Thierry Mugler

Estilista, fotógrafo e criador de uma empresa com seu próprio nome, Thierry Mugler representa a vanguarda francesa no vestuário mesmo não produzindo mais peças atualmente. Possuiu suas peças na exposição “Superheroes” no Instituto da Vestimenta do Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque, realizada em 2008.



FIGURA 38: Foto realizada pelo artista, 2007

(FONTE: TrendLand, 2007)

5.4.4 Fabrice Hyber

Nascido em Luçon, Fabrice é um predecessor nas artes que envolvem o domínio do artista sob os mais diversos tipos de materiais e expressões artísticas. Seu maior trabalho foi inaugurado em maio de 2007, sob o pedido de Jacques Chirac, para celebrar o Dia da Lembrança e da Abolição da Escravatura.



FIGURA 39: POF n°65, 1998

(FONTE: Fluctuact, 2009)

5.4.5 Brigitte Nahon

Parte dos jovens artistas emergentes do mundo, Brigitte inverte força e fragilidade, peso e leveza em um vocabulário de variados materiais, formas, palavras e cores. Seu trabalho envolve forjar um elo entre esses paradoxos em obras pequenas e grandes, sendo elas instalações, esculturas ou desenhos.



FIGURA 40: Equilibre, 2000

(FONTE: Galerie Jérômé de Noirmont, 2009)

5.4.6 Pierre Et Gilles

Dupla de fotógrafos formada por Gilles Blanchard e Pierre Commy, suas obras são marcadas pela influência da cultura pop. Não fazem parte da vanguarda francesa mas são referência para artistas de hoje que com o pop, a banalidade da vida cotidiana, a cultura homoerótica, o kitsch e a prática do retrato inspiram fotógrafos mundialmente famosos como David LaChapelle e Terry Richardson.



Figura 41: Foto realizada pelos artistas

(FONTE: Optimistique, 2009)

5.4.7 Bernar Venet

Nascido em 1941 em Chatêau-Arnoux, Bernar é um artista de múltiplas formas de expressão bem como fotografia, escultura, pintura, design de móveis e audiovisuais. Seus trabalhos já foram expostos em grande parte do mundo incluindo o Centre Georges Pompidou em Paris e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

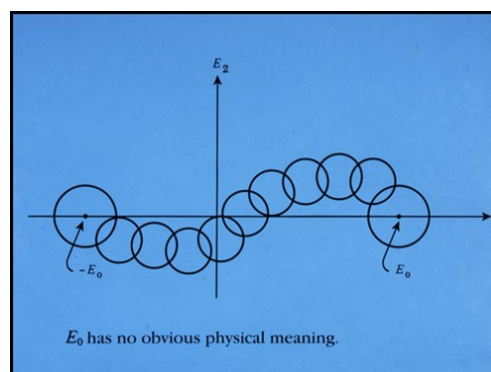


FIGURA 42: Indirect Consequences of Analyticity (Formula 18), 2001

(FONTE: Bernar Venet, 2009)

5.4.8 Fafi

Representante da street art, Fafi cria suas obras baseadas na imagem de mulheres poderosas, independentes e algumas vezes agressivas. Já foi colaboradora de projetos para a Adidas, Colette, Coca-Cola e LeSport Sac. Seu trabalho é representado pelas fafinettes, seus alter-egos na forma de ilustração e animação em vídeo.



FIGURA 43: The Carmine Vault, 2009

(FONTE: Fafi, 2009)

REFERÊNCIAS

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

CHASTEL, André. **French Art Volume 1: Prehistory to the Middle Ages** . Paris, France: Flammarion Pere-Castor, 1997.

CHASTEL, André. **French Art Volume 2: The Renaissance**. Paris, France: Flammarion Pere-Castor, 1997.

CHASTEL, André. **French Art Volume 3: The Ancient Régime** . Paris, France: Flammarion Pere-Castor, 1997.

ROSA, Artigas. **Paulo Mendes da Rocha**, 2ª edição. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

PIOTROWSKI, Marek Nester. **Progettare in fiera progettare la fiera**. Milão: Lybra Immagine, 2002

GROSENICK, Uta. **Art Now! Volume 2**. Paris: Taschen, 2008

HOLSWARTH, Hans Werner. **Art Now! Volume 3**. Paris: Taschen, 2008

STANDS: Artek 10 años. Buenos Aires: Kliczkowski, 2001.

MONTANER, Josep Ma e VILLAC, Maria Isabel. **Mendes da Rocha**. Lisboa: Blau, 1996

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL Volume 6. São Paulo: Nova Cultural, 1998

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL Volume 17. São Paulo: Nova Cultural, 1998

DICIONÁRIO BRASILEIRO GLOBO 43ª edição. São Paulo: Globo, 1996

VOGUE BRASIL especial A França no Brasil. São Paulo: Carta Editorial, 2008

READ, Herbert. **Arte y Sociedad**. Buenos Aires: Kraft, 1945

Prada Transformer disponibilizado em <www.prada-transformer.com>. Acesso em 28 de maio de 2009

Fluctuact: Fabrice Hyber em <<http://arts.fluctuat.net/fabrice-hyber.html> fabrice hyber>. Acesso em 15 jun 2009.]

Bernar Venet disponibilizado em <<http://www.bernarvenet.com/> bernar venet >. Acesso em 15 de junhj

Galerie Perrotin: Tatiana Trouvé em http://www.galerieperrotin.com/artiste-Tatiana_Trouve-122.html. Acesso em 15 de junho de 2009

Optimisque: Pierre Et Gilles em < <http://www.optimistique.com/pierre.et.> >. Acesso em 15 de junho de 2009

Denoir Mont em < <http://www.denoirmont.com/artiste.php?id=13> >. Acesso em 15 de junho de 2009

New Territories: François Roche em < <http://www.new-territories.com/spidernet2.htm> > acesso em 15 de junho de 2009

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DE SÃO PAULO, **Parque Villa Lobos** em < www.ambiente.sp.gov.br/parquevillalobos/ > acesso em 13 de junho de 2009

A vida é lá fora: Burle Marx era “Lá Fora” em < <http://avidaelafora.com.br/?tag=aterro-do-flamengo> > acesso em 14 de junho de 2009

Archdaily: Art Pavillion by Cre8 Architecture em < <http://www.archdaily.com/21947/art-pavillion-cre8-architecture/> > acesso 28 de maio de 2009

Archdaily: Designs for Burnham Plan Centennial by Zaha Hadid and Ben Van Berkel em < <http://www.archdaily.com/19197/designs-for-burnham-plan-centennial-by-zaha-hadid-and-ben-van-berkel/> > acesso em 28 de maio de 2009

Archdaily: Spacebuster in New York em < <http://www.archdaily.com/18997/spacebuster-in-new-york/> > acesso em 27 d emaiio de 2009

Archdaily: Puma City Shipping Container Store Lot em < <http://www.archdaily.com/10620/puma-city-shipping-container-store-lot/> > acesso em 28 de maio de 2009

Fafi em < <http://www.fafi.net/> > acesso em 15 de junho de 2009

Vitruvius: Entrevista com Paulo Mendes da Rocha em < http://www.vitruvius.com.br/entrevista/mendesrocha/mendesrocha_3.asp > acesso em 22 de maio de 2009

Vitruvius: Arquitexto sobre Paulo Mendes da Rocha em < http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq038/arq038_03.asp > acesso em 22 de maio de 2009

Presidência da República Federativa do Brasil em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm > acesso em 13 de maio de 2009

Imigração Francesa no Brasil em < <http://www.terrabrasileira.net/folclore/influenc/frances.html> > acesso em 9 de junho de 2009

Vitruvius: Arquitexto sobre o Aterro do Flamengo < <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp395.asp> > acesso em 25 de maio de 2009

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO **Parque do Flamengo** em < <http://www.rio.rj.gov.br/riotur/pt/atracao/?CodAtr=1880> > acesso em 13 de junho de 2009

HADID, Zaha **Chanel Art Mobile** em < <http://www.zahahadidblog.com/projects/2007/06/13/zahas-travelling-exhibition-pavilion-for-chanel> > em 11 de maio de 2009

NEW YORK TIMES **Chanel Art Mobile** em < <http://www.nytimes.com/2008/10/21/arts/design/21zaha.html> > em 11 de maio de 2009

WALLPAPER **Chanel Art Mobile** em < <http://www.wallpaper.com/art/mobile-art-exclusive/1828> > em 11 de maio de 2009

ARCHICENTRAL **Chanel Contemporary Art Container by Zaha Hadid** em <
<http://www.archicentral.com/chanel-contemporary-art-container-by-zaha-hadid-6563/>
> em 11 de maio de 2009

INHABITAT **Zaha Hadid's Mobile Art Pavilion for Chanel or Central Park** em <
<http://www.inhabitat.com/2008/07/31/zaha-hadids-mobile-art-pavilion-for-chanel-or-central-park/>
>em 11 de maio de 2009

ENTREVISTAS

MUNIZ, Robinson Vaz. Arquiteto do IPPUC. Entrevista concedida ao autor. Curitiba, 2009.

DALL'AGNOL, Daniel Maurício. Relações Exteriores da filial paranaense da Região de Rhône-Alpes. Curitiba, 2009.